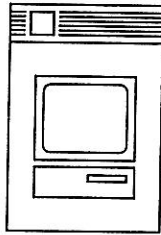


Portugal na Internet



Desde Fevereiro passado que já é possível a um "cidadão comum", sob determinadas condições, aceder

em Portugal à Internet — uma rede que interliga 60 mil redes de computadores em mais de cem países e suporta vários milhões de utilizadores. O acesso à Internet é fornecido pelo PUUG-Portuguese Unix Users Group, uma associação sem fins lucrativos cujo fim principal é reunir e organizar os utilizadores portugueses de sistemas Unix.

A associação existe desde 1989 e está ligada a uma federação internacional, a EurOpen —European Forum for Open Systems, que agrupa as associações nacionais de utilizadores congéneres da PUUG. A EurOpen promove por sua vez uma rede europeia, designada EuNet-European Network, que está ligada à Internet. Aos grupos nacionais, como o PUUG, cabe a promoção dos ramos nacionais da EuNet; em Portugal, são oferecidos praticamente todos os serviços da EuNet, incluindo o acesso à Internet.

Legatheaux Martins, da comissão executiva do PUUG, explicou ao PÚBLICO que o acesso à Internet não é propriamente aberto ao cidadão comum, mas quase — uma vez preenchidos certos requisitos. "Por razões que têm a ver com as características do próprio PUUG, não podemos considerar que provi-

denciamos um acesso de tipo comercial à Internet. O que fornecemos é acesso aos nossos membros, ou seja, um acesso como num 'clube privado'". A "nuance" é que é muito fácil fazer parte deste clube: "No caso de uma pessoa estar apenas interessada no acesso à Internet, pode tornar-se 'sócio associado' do PUUG, sem os privilégios dos restantes membros mas sem ter que pagar a quota anual respectiva."

A adesão faz-se de forma informal e rápida, com o preenchimento de um boletim de inscrição. Obviamente, continua a haver um custo que é preciso suportar — que, no caso, fica em cinco contos por mês, que incluem 10 horas de ligação (o número de horas incluído na taxa mensal terá tendência a aumentar, segundo Legatheaux Martins). Cada minuto suplementar custa 20 escudos, sendo preciso ainda acrescentar o custo de ligação telefónica, pago aos TLP (existem números para acesso em Lisboa e no Porto).

O utilizador não terá de possuir qualquer equipamento Unix: um PC (ou Mac), um programa de comunicações e um modem (são suportadas velocidades de transmissão até 14.400 baud) são suficientes. E também não terá que possuir conhecimentos de Unix para "navegar" no "ciberespço" da Internet: existe uma interface amigável, com três programas de navegação, que tornam a ligação muito fácil.

A partir daí, é possível enviar e receber correio electrónico (E-mail) para todo o mundo; ace-

der aos "bulletin boards" da Internet (o PUUG mantém o acesso a 2500 conferências "on-line" em Portugal); é possível fazer "log on" em computadores remotos, transferir ficheiros, aceder ao arquivo do PUUG (essencialmente documentação técnica sobre sistemas abertos); e pode-se, finalmente, ser um "cibernauta" completo conversando ("chatting") "on line" com outros utilizadores da rede.

A Internet não é propriamente uma desconhecida em Portugal. Desde finais de 1991 que empresas portuguesas (47, actualmente) acedem à Internet através do PUUG, para serviços de E-mail e "news". Há um pouco de tudo — e até há o caso de uma empresa que passou a usar o correio electrónico em vez do fax para receber informações da Rússia. Nos próximos meses, também as empresas passarão a ter acesso aos serviços interactivos que começaram agora a ser disponibilizados aos utilizadores individuais.

O interesse pela Internet é crescente e o PUUG é um dos organizadores. No próximo dia 29, de um seminário intitulado "Portugal na Internet", onde se vai explicar o que é a rede, como funciona e quais as suas implicações. Vão ser discutidos temas como a evolução da rede, política de telecomunicações, direitos civis e acesso à informação. A conferência, de entrada livre, realiza-se no LNEC, em Lisboa. Os interessados no acesso à Internet e/ou na conferência poderão contactar o PUUG no Monte da Caparica, Edifício Uninova, 2825 Monte da Caparica. ■ A.E.M.

Electronic Books

International '94

Data: 15 a 17 de Março 1994

Local: Hotel Novotel London Hammersmith, Londres (Grã-Bretanha)

Organização:

Mecklermedia

Working Conference on The Impact of Information Technology from Practice to Curriculum

Data: 15 a 18 de Março 1994

Local: Neve-Ilan (Israel)

Contacto: Secrétariat IFIP, 16

Place Longemalle, CH-1204

Genève, Suíça. Tel: 00-41-22-

310.26.49. Fax: 00-41-22-

Uniform IDG World Expo

Data: 21 a 25 Março 1994

Local: San Francisco (EUA)

Contacto: Tel: 00-1-508-

879.67.00. Fax: 00-1-508-

879.67.00.

Seybold Seminars - Boston 94

Tema: Computer Publishing

Data: 22 a 25 de Março 1994

Local: Hynes Convention Center,

Boston (EUA)

Contacto: Seybold Seminars,

P.O. Box 5856, San Mateo, CA

94402-0856, EUA. Tel: 00-1-415-

578.69.00

Business Re-engineering - A Success Methodology

lhães

108

EQUIPAMENTO

"Notebook" Apple Powerbook 170, versão mono, com fax-modem de 14.400 baud (comprado nos EUA);

Unisys 486 com "upgrade" de disco para 260 MB e 8 MB de RAM (em casa, partilha com o resto da família, mas nada de jogos, que o disco já anda muito cheio e os vírus abundam por aí);

Apple Macintosh Quadra 800 (comprado em segunda mão), com CD-ROM Apple 300i, com suporte para Photo CD — a trocar

proximamente por um Apple PowerPC, ainda não comercializado;

PC compatível-IBM ("produto branco") 486DX2/66, com modem

Zoom de 14.400 bauds, no grupo parlamentar do PS, que usa para

aceder às BBS nacionais e estrangeiras.

PROGRAMAS

"Software" de

comunicações, de

emulação de

terminais e

programas de

"navegação" em

bases de dados,

para facilitar a

procura e o

acesso a

informação; MS

Word 5.1 para

Mac (processador

de texto); Lotus 1-

2-3 (folha de

cálculo e base de

dados); Inspiration

("é um programa

ótimo para

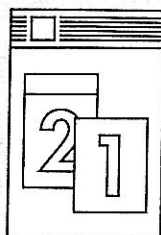
recolher pedaços de

informação sobre um

mesmo tema e

organizar as ideias");

cerca de 20 CD-ROM com aplicações



agenda

Cursos Novell

Data: Várias datas. Primeiro

trimestre de 1994

Temas: Cursos de

iniciação/utilizadores ou gestores.

Cursos de gestão do sistema



Raimundo Marques

Océ Portugal

"Objectivos foram cumpridos"

Outra estreia na Inforpor foi a Océ Portugal. Esta subsidiária da multinacional holandesa, que recentemente começou a operar no nosso país, ocupa-se da área dos periféricos gráficos. Segundo Raimundo Marques, director-geral, "a política comercial que pretendemos levar a cabo prende-se com a criação de uma rede de agentes, de modo a cobrirmos todo o território nacional, incluindo as ilhas".

O objectivo da Océ Portugal era, sobretudo, "dar-se a conhecer ao público e potenciais distribuidores. Nesse sentido, penso que alcançamos os nossos intentos", afirmou o director-geral.

No que concerne a produtos, a Océ apresentou a nova gama de sistemas de input/output gráfico, baseada nas tecnologias laser/LED em plotters (desde o formato A3 até A0) e transferência térmica em plotters com formatos A1 e A0. Scanners A0 para GIS e arquivo, plotters de canetas e mesas digitalizadoras foram outros produtos em exposição.



Maia Nogueira

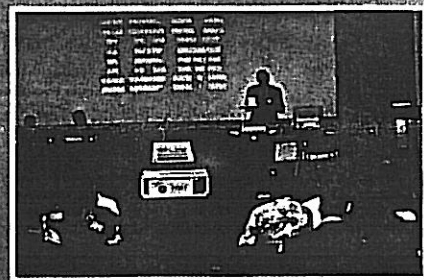
Solbi

"Revendedores com boas encomendas"

ASolbi esteve mais uma vez presente na Inforpor e desta vez com um stand à dimensão do seu posicionamento no mercado. Tal facto ficou a dever-se "às grandes enchentes que todos os anos se registam no nosso espaço, assim como o crescimento das marcas e produtos que representamos, o que portanto nos levou a termos de aumentar o espaço de exposição para termos um atendimento personalizado para os nossos revendedores"; explicou Maia Nogueira, director-geral.

Um multidão para ver os modelos baseados no novo processador Pentium da Intel, no qual a empresa tem apostado em força.

Assim, Maia Nogueira considerou a participação positiva. "Apesar de não vendermos directamente ao público, os nossos revendedores aproveitaram a nossa presença na Inforpor para nos visitar, ver as nossas novidades e ao mesmo tempo fazerem as suas encomendas, e posso afirmar que muitos já o fizeram e foram consideráveis".



Puug organizou seminário

O Puug — Grupo Português de Utilizadores do Sistema Unix, em conjunto com a Uninova, levou a cabo, na Fil, durante a Inforpor, um seminário cujo objectivo foi debater os novos sistemas para o desktop.

A sessão surge, aliás, numa época em que se fala das limitações do MS-DOS, já que, actualmente, se verifica o aumento da potência dos PCs (486, Alpha Pc, Pentium, PowerPC, entre outros processadores) e, por outro lado, há a necessidade de uma disponibilidade de multiprogramação, ligação em rede e distribuição, integração de servidores, minis e mainframes, sistemas de janelas avançados e aplicações para trabalho de grupo e multimedia.

Segundo os organizadores, hoje em dia "os diversos fabricantes procuram oferecer novas soluções que permitam explorar as potencialidades que o hardware das plataformas desktop (designadas vulgarmente PCs) oferecem. Em particular, procura-se oferecer sistemas de operação que ultrapassem o MS-DOS". Assim, "na base da grande maioria dos novos sistemas vamos encontrar a compatibilidade Unix, ou, pelo menos, a compatibilidade Posix".

Reunindo representantes de várias empresas, ficou-se a saber, ainda, por exemplo, que já existe um sistema Unix System V release 4 para PC, integrado com o MS-DOS, Windows e Novell; o ambiente Next Step está disponível em PC e baseia-se em Unix; é possível executar, simultaneamente, aplicações MS-DOS, Windows e Macintosh na mesma máquina.

Expresso 16/10/93

F E I R A

PUBLIMEDIA

Comercialização de Espaço
Publicitário, Lda.

Redacção, Administração
e Publicidade

Rua Sacadura Cabral, n.º 26, 3.º
Dafundo - 1495 LISBOA
Telefs.: 4141744/45 - 4141293/94
e 4141086/87
Fax: 4141747

Orientação Editorial
Virgílio Azevedo
Jorge Nascimento Rodrigues

Redacção
João Ramos
Conceição Antunes
Pedro Tavares Cardoso (*fotografia*)

Editor Gráfico
João Redondo

Delegação no Porto
R. Júlio Dinis, 825, 5.º esq.º
4000 PORTO
Telefs.: (02) 600 22 43 / 600 22 91
Telefax: (02) 6000340

Montagem
VISÃO GRÁFICA - Artes Gráficas, Lda
Rua União Piedense, 104-C
Cova da Piedade - 2800 ALMADA
Telef.: 250 19 99 • Fax: 250 19 99

Impressão
IMPREGORNAL - Soc. de Impressão,
S.A. - Av. Inf. D. Henrique, 334
- 1800 LISBOA
Telefs.: (01) 851 20 60 / 851 20 12
Fax: 851 20 60

Inforpor Comemora Décimo Aniversário

Entre 21 e 24 de Outubro, a Inforpor regressa aos pavilhões 2, 3, 4 e 5 da FIL, por iniciativa da Certame. Com a sua primeira apresentação em 1984, no Porto, a Inforpor - considerada a maior feira internacional de informática e tecnologias da informação que se realiza em Portugal - comemora este ano o seu 10º aniversário.

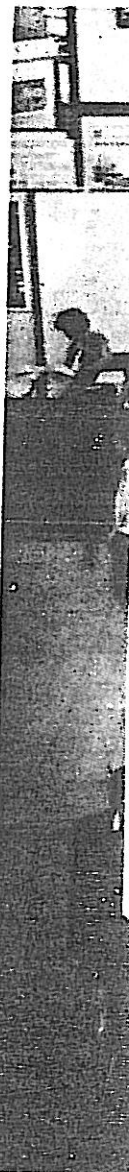
Ao longo de uma década, a Inforpor tem assinalado um crescente desenvolvimento, evidenciado pelo número cada vez maior de participantes e pela larga repercussão que tem vindo a alcançar.

Na próxima edição, prevê-se a presença de mais de 150 expositores, onde estarão representadas desde as empresas de menor dimensão até

alguns dos nomes mais significativos do mundo da informática.

Para assinalar a comemoração do 10º aniversário da Feira, prevê-se a realização de acções paralelas. Em particular, o PUUG (Portuguese Unix Users Group), o grupo português de utilizadores de sistema Unix, irá promover, no dia 22 de Outubro às 14.30h, uma sessão especializada no auditório da FIL, que tem por objectivo lançar um debate sobre os novos sistemas para o «desk-top». Nesta sessão, poderão participar os membros do PUUG, para além de personalidades convidadas e das empresas que realizam apresentações.

A Inforpor está aberta ao público das 10 às 20 horas. ●



RUÍDO NA LINHA

AFINAL,
O ENDEREÇO
DE CORREIO
ELECTRÓNICO
«PRESIDENTE
@BELEM.PT»
SURGIDO
NA INTERNET
EK... UMA PETA
DE 1º DE ABRIL.
O ACESSO
DOS
PORTUGUESES
À REDE
CONTINUA
COMPLICADO

NÃO há memória de um seminário assim. Quando chegou o momento das conclusões sobre o tema «Portugal na Internet», o deputado José Magalhães abriu a sessão com um discurso repleto de dúvidas e provocações. Os restantes oradores seguiram-lhe o rumo. E a plateia, depois de oito acaloradas horas a receber mais informação do que aquela que se pode digerir num trimestre de aulas, quase deu em doida. Para agravar, Nuno Guimarães, do INESC, proferiu a tirada histórica daquela terça-feira. Em vez de concluir o que quer que fosse, exortou os cidadãos à rebelião nos seguintes termos: **«Chateiem toda a gente.»** Abençoada democracia! A ideia é pressionar tudo o que tenha a ver com o acesso a esse riquíssimo mar de informação chamado ciberespaço. Porque, como frisara Magalhães, **«o acesso à rede é um direito de cidadania igual aos outros»**, mas o Estado **«não cumpre a sua obrigação»**, que é fornecer as condições necessárias para a sua navegação.

O coro de lamentos pelas atitudes dos organismos que deviam regulamentar, ordenar e fomentar o acesso à rede, fez-se ouvir bem alto. Mas não tão alto que o Estado-laranja, meio-surdo de nascença, pudesse ouvir. Os deputados à Assembleia da República vão continuar sem ler os trabalhos do Congresso norte-americano ou de instituições comunitárias que lhes podiam chegar em CD porque o presidente da AR não aprovou a compra de um leitor de CD-ROM.

Os cidadãos vão continuar a viver num sistema que já lhes permite mandar uma mensagem por correio electrónico a Bill Clinton mas não a Mário Soares, e discutir com Hillary o programa de Saúde, mas não a debater publicamente a localização da próxima ponte sobre o Tejo.

Os candidatos a fornecedores de serviços por rede continuarão a receber tantas respostas oficiais diferentes quanto o número de organismos que consultem: acabam por montar as suas empresas à sombra da desregulamentação porque os organismos do Estado não sabem que política de comunicações devem seguir. Não há política de comunicações. O Governo não foi capaz de emitir sequer uma circular interna a receitar as directivas comunitárias. Deu assim, aparentemente, razão a quem, como Magalhães, defende que **«a livre circulação de informação incomoda o poder»**.

O tema não é novo para Sheri Steele, dirigente da Electronic Frontier Foundation, uma das oradoras. Aque-la fundação norte-americana vela pela liberdade de acesso às redes e é um instrumento político de pressão sobre Washington. Ao contrário de Portugal, nos EUA o telefone é considerado bem fundamental e até é subsidiado. O acesso às redes deverá seguir a mesma orientação, defende a EFF, e uma das missões de Sheri é obter garantias

antes de acontecer o inevitável: não restam dúvidas de que serão os privados a investir nas «auto-estradas de informação» a troco da sua gestão e conseqüente cobrança de «portagens».

O CABO DIGITAL DAS TORMENTAS

MAS se os «States» já vão na segunda geração de questões, por cá ainda nem encelámos a primeira. Antes de se preocuparem, como Steele, com «os direitos de autor» ou «programas-filtro para separar a informação que queremos da imensa quantidade de dados

que nos despejam em cima», os portugueses têm de atravessar o Cabo das Tormentas. Começando por perceber do que se fala quando falamos de redes. Voltemos à sala do LNEC onde decorreu o seminário. Termos como TCP/IP, RDIS, X.25, VSat, MPEG1 e MPEG2 cruzavam-se com palavrões do género «telnetar», «gopher» ou «download». Além da dor de cabeça arranjada a tentar perceber se o X.25 é o melhor protocolo ou se vale a pena instalar um VSat, os não especialistas terão saído da sala com algumas preocupações legítimas. Assim, se desejarem mesmo estabelecer a ligação, deverão fazê-lo tendo em conta que:

a) a Internet, hoje a única «auto-estrada» transnacional e suportada pelas universidades, pode ser substituída por outra, com «portagens» mais caras porque operada por privados;

b) o Governo nem sabe que as redes existem;

c) as comunicações são e continuarão caríssimas porque o Estado não parece interessado em abrir mão do monopólio;

d) ainda não há normas sobre acesso ou protocolos, a tecnologia até confunde os operadores, e frescas na memória permanecem as histórias trágicas das cassetes e cartuchos JVC e Beta;

e) poderemos confiar num sistema que não é capaz de vigiar o seu próprio crescimento, não sabendo quantos são os servidores nem os clientes?

O nível do ruído é ainda elevado e as pessoas tendem a afastar-se da linha. Os candidatos a fornecedores de serviços terão de simplificar as regras se quiserem ter público e o Estado está obrigado a intervir para evitar a anarquia e garantir a livre concorrência. Porque as redes de informação por linha telefónica vieram para ficar. O seu poder de atracção é irresistível. Aprová-lo, melhor do que qualquer discurso, seminário ou reportagem, está o simples facto de todos os meses centenas de milhar de pessoas se ligarem à rede apesar do ruído, enfrentando o Adamastor electrónico. ■



ILÍDIO TEIXEIRA

Sheri Steele, da EFF: «Sem discutir a justiça de pagar 'portagens' aos privados, é preciso garantir o livre acesso às auto-estradas de informação»